

A imagem do autor Mattoso Câmara em periódicos de linguística brasileiros

Author's image mattoso câmara in language of journal brasilian

Roberto Leiser Baronas*

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar/Brasil)

Lígia Mara Boin Menossi de Araujo*

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar/Brasil)

Nayla Vieira Semensato*

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar/Brasil)

RESUMO

Neste artigo, temos como objetivo investigar como é construída a imagem de autor de um dos precursores da linguística no Brasil, o professor Joaquim Mattoso Câmara Jr.. Como embasamento teórico, mobilizamos as três instâncias discursivas: a *pessoa*, o *escritor* e o *inscritor* empreendida por Maingueneau (2006) e nosso corpus de análise e composto por pelos prefácios três periódicos brasileiros publicados em comemoração ao centenário de nascimento de Mattoso. Após algumas reflexões analíticas nos mostraram uma imagem do autor que vai além do estudioso inovador, mas daquele que trouxe luz aos estudos da linguagem brasileiros.

PALAVRAS-CHAVE: Imagem de autor. Linguística no Brasil. Mattoso Câmara.

ABSTRACT

In this article, we aim to investigate how the author's image construct the one of the precursors of language in Brazil, professor Joaquim Mattoso Câmara Jr. The theoretical basis, that mobilized the three discursive levels: the

* Sobre os autores ver páginas 80.

individual, the writer and the inscriitor undertaken by Maingueneau (2006) and our corpus analysis and composed by prefaces three Brazilian journals published commemorating the birth centenary of Mattoso. After some analytical reflections showed us a picture of the author goes beyond the scholar inovator, but one who brought light to the Brazilian language studies.

KEYWORDS: *Author's image. Brasil's language. Mattoso Câmara.*

1 Introdução

Mattoso Câmara Jr. é considerado precursor dos estudos linguísticos de língua portuguesa, sua principal obra, *Princípios de Linguística Geral* (1989), teve como objeto de estudos a teoria linguística de base estruturalista que pode ser considerada um verdadeiro divisor de águas nos estudos sobre a linguagem no Brasil. Nesses últimos setenta e poucos anos, a linguística brasileira cresceu muito: saiu do completo anonimato com os trabalhos pioneiros de Joaquim Mattoso Câmara Jr. e hoje pode ser considerada como uma das ciências brasileiras mais fecundas, haja vista o grande número de apresentações e publicações de trabalhos relevantes em eventos e revistas da área tanto no Brasil quanto no exterior. Um dado que atesta a fecundidade da linguística praticada no Brasil é a existência de pelo menos dez manuais de linguística publicados da década de sessenta do século passado até os dias atuais.

Diante do exposto, objetivamos, neste artigo, discutir como é construída a imagem autoral atribuída a Mattoso Câmara em três periódicos brasileiros publicados em comemoração ao centenário de seu nascimento com o intuito de contribuir para as reflexões acerca da história da linguística no Brasil. Para tanto, buscaremos compreender qual o papel que os autores e os editores dos manuais, bem como os autores brasileiros que publicaram textos em diversos periódicos brasileiros, por ocasião dos cem anos de nascimento de Mattoso Câmara, atribuem ao pioneiro da linguística brasileira. As contribuições de Dominique Maingueneau (2006) acerca das discussões sobre a construção da imagem de autor a partir das três dimensões: *pessoa, escritor e inscriitor* constituirão nosso referencial teórico.

Com base no procedimento metodológico de descrição/interpretação, procuraremos verificar que imagem do autor Mattoso Câmara é construída nos prefácios de três periódicos da linguística brasileira. Tal procedimento metodológico, como assevera Pêcheux (1983, p. 55), “não se constitui em duas fases sucessivas, mas de uma alternância, de um batimento, não implicando que a descrição e a interpretação sejam condenadas a se ‘entremisturar’ no indiscernível”. Para a análise discursiva desses prefácios, esquematizamos os seguintes passos: descrever/interpretar as facetas construídas da imagem do autor Mattoso Câmara por meio do levantamento de regularidades quanto a instância que é colocada em evidência e identificação da cenografia mobilizada acerca do trabalho pioneiro de Mattoso e como compreendemos o papel dessa cenografia na construção da imagem autoral.

2 A pessoa, o escritor e o inscritor: a imagem do autor

Em *O Discurso Literário* (2006), Maingueneau propõe que a questão da autoria seja considerada a partir de três instâncias discursivas: a *pessoa*, o *escritor* e o *inscritor*, as quais tomaremos como categoria de análise para tentar dar conta do funcionamento da autoria. A *pessoa* refere-se ao indivíduo dotado de estado social, de uma vida privada, ou seja, podemos entendê-lo como o sujeito empírico, aquele que convive nos ambientes sociais corriqueiros. Já o *escritor* seria uma espécie de ator que traça um caminho e desempenha um papel na instituição literária, ele é quem se posiciona dentro do campo literário, é quem se relaciona com outros escritores.

O *inscritor* “subsume ao mesmo tempo as formas de subjetividade enunciativa da cena de fala implicada pelo texto (aquilo que vamos chamar de ‘cenografia’) e a cena imposta pelo gênero de discurso: romancista, dramaturgo...” (MAINGUENEAU, 2006, p. 136). Essa instância seria do sujeito que organiza seu texto em termos de escrita, é o que insere suas marcas linguísticas e o modo como lida com o texto.

Contudo, Maingueneau salienta que essas três instâncias para serem compreendidas devem ser vistas de modo imbricado, pois não há um primeiro plano para a pessoa, seguida do “ator” literário, o escritor, que culminaria em seguida no inscritor, o sujeito da enunciação. Elas não são cronológicas, estratificadas ou mesmo sequenciais, mas são atravessadas umas pelas outras, de modo que “cada uma das três sustenta as outras e é por elas sustentada, num processo de recobrimento recíproco que, num mesmo movimento, dispersa e concentra ‘o’ criador”, são três anéis que se entrelaçam, tal como um nó borromeano¹ (MAINGUENEAU, 2006, p. 137).

Ainda assim, podemos, para efeitos de análise, mostrar de que forma pode ocorrer a preponderância de algumas delas sobre as outras, o que não significa reduzi-las ou isolá-las. É, pois, nesse sentido que Maingueneau (2006) destaca que a identidade criadora, seja qual for o ângulo a partir do qual a apreendemos, não se restringe a uma posição, uma substância ou um suporte. Isto porque o intuito principal quando se está mobilizando essa categoria é investigar a autoria de determinado texto.

Para essa empreitada acerca da autoria, a literatura propõe dois regimes: o regime *delocutivo* no qual o autor não se apresenta diante dos mundos que instaura e o regime *elocutivo* em que as três instâncias discursivas, o inscritor, o escritor e a pessoa são mobilizadas ao mesmo tempo perpassando umas sobre as outras. A pessoa e o escritor quando em uma obra literária ficam mais ocultas e caracterizam o regime delocutivo, todavia quando a pessoa, o escritor e o inscritor podem ser identificadas com mais veemência, estamos diante do regime elocutivo (MAINGUENEAU, 2006).

¹ Para Rabinovich, a estrutura borromeana implica uma equiparação das três ordens, real, simbólico e imaginário, sendo que cada uma delas tem a mesma importância que as demais. Cada um dos anéis se organiza de modo diferenciado do outro. Ao mesmo tempo, esse processo permite que, depois que essa organização se dê, ela se auto-anule, pois, uma vez que são intercambiáveis, cada anel pode sempre ser o outro. Disponível em: <<http://www.psicanaliselacianiana.com/estudos/magicoreal.html>> Acesso 5 maio 16.

O regime delocutivo é predominante nas obras literárias e se caracteriza por ocultar a pessoa e o escritor por meio dos mundos que ele instaura em sua enunciação – é o regime em que o contrato ficcional é respeitado; contudo, ele é o tempo todo afetado pelo elocutivo cujo funcionamento implica o deslizamento incessante entre a pessoa, o escritor e o inscritor; assim, ambos – delocutivo e elocutivo – se nutrem numa dinâmica de interdependência de modos diversos que se configuram a partir de determinado momento histórico e, evidentemente, do posicionamento adotado pelos autores. Desse modo, entendemos que a abordagem do funcionamento desses dois regimes, o delocutivo e o elocutivo, seria, de fato, uma das formas de abordar o funcionamento da autoria e os processos de subjetivação implicados.

Para o regime delocutivo, podemos pensar que ele “não se reduz a um espaço em que mundos ficcionais teriam um ‘eu’ referencialmente ao do autor” (MAINGUENEAU, 2006, p. 144), mas repousa numa dupla fronteira: entre os actantes do mundo ficcional e o autor, de um lado, e entre *inscritor* e *escritor* – *pessoa*, do outro. Além disso, um autor tem sua produção associada a dois espaços discursivos indissociáveis, que não se encontram, entretanto, em um mesmo plano, e convencionou chamá-los de espaço canônico e espaço associado. A natureza do espaço associado pode variar de acordo com o espaço canônico, o que não quer dizer que seja um adendo contingente que se adicionaria, a partir de fora, a esse espaço. Pelo contrário, há um movimento de eterna negociação entre esses dois espaços, que implica indistinção das fronteiras que estruturam a instância enunciativa. É, então, neste sentido que Maingueneau afirma que

o discurso literário não é um território compacto que gera simplesmente algumas dificuldades locais de estabelecimento de fronteiras, mas um espaço radicalmente duplo. Funciona com base num duplo movimento de desconexão (no espaço canônico) e de conexão (no espaço associado) das instâncias subjetivas (2006, p. 146).

Nessa dinâmica de entrelaçamento das instâncias discursivas e dos espaços os quais elas simultaneamente ocupam é que embasamos nosso percurso investigativo acerca da construção das três instâncias discursivas de autoria e suas interpelações nos prefácios dos periódicos. Dizendo de outro modo, observamos em um espaço associado o que diz respeito à *pessoa* de Mattoso, como ela se relaciona com sua função de *escritor* a partir de um determinado posicionamento e, ainda, a uma criação estética e ao trabalho enunciativo de um *inscritor*.

Como vimos, devemos conceber as três instâncias (a *pessoa* – com sua biografia; o *escritor* – que tem que seguir e ter rituais do campo literário; e o *inscritor* – que é o que emerge do texto, relacionado diretamente com a questão textual e genérica) de forma imbricada, já que se afetam mutuamente. Tudo isso sem desconsiderar que não há como apagar o componente biográfico, o que não significa que a obra seja um reflexo da biografia de seu autor, ou de sua época (ou de ambos), e tampouco seja fruto de uma instância criadora

autossuficiente. Por meio do inscritor é também a pessoa e o escritor que enunciam; por meio da pessoa, é também o inscritor e o escritor que vivem e por intermédio do escritor, é também a pessoa e o inscritor que traçam uma trajetória no espaço literário (MAINGUENEAU, 2006).

Em *Doze conceitos em análise do discurso* (2010), Maingueneau repensa a noção de autoria ao propor o estudo da imagem do autor que, em virtude do material de análise de nosso trabalho, tornou-se primordial haja vista que o autor seria autor de seus textos, mas não seria o único gestor de sua obra. Desse modo, o trabalho de construção de uma imagem de autor pode acontecer enquanto o autor é vivo ou também pode acontecer depois de sua morte. Mas, frequentemente, é depois da morte do autor que esse trabalho de construção se intensifica quando outros estudiosos modificam, reduzem, ampliam e até de criam novas obras.

A imagem de autor está intimamente ligada à ênfase ou predominância que esses gestores da obra de um autor dão a uma ou outra instância de funcionamento da autoria quanto a pessoa, o escritor e o inscritor. Essa ênfase em uma ou outra instância está relacionada ao fato da imagem de autor ser um conceito histórico, temporal, o que implica que determinados contextos podem conduzir os gestores a privilegiarem determinadas instâncias da identidade criadora. Quando trabalhamos com imagem de autor, consideramos que

a encenação do escritor não é apreendida aí como um conjunto de atividades que permaneceriam fora do recinto sagrado do Texto, mas como uma dimensão constitutiva do discurso literário (MAINGUENEAU, 2010, p. 140).

Também podemos pensar que a imagem de autor não é um trabalho exclusivo do próprio autor, que se elabora na confluência de gestos e palavras, mas também dos comentadores que contribuem para moldar. Assim, principalmente no campo literário, o trabalho com a imagem do autor é significativa, pois o trabalho de construção/reformulação de imagens de autores, alguns escritores, antes marginais, foram incluídos entre os grandes escritores, dos clássicos da literatura universal. Nessa perspectiva, o *poder* não está no texto, mas na “imagem que se tem do autor, e, ao fazer isso, na realidade, modifica-se a imagem do autor para o público”. A introdução ou o prefácio da obra podem descrever claramente os tipos de intervenções que foram feitas para tornar a obra legível e, por exemplo, corrigir erros de publicações anteriores. Muitas vezes uma epígrafe, um título ou um prefácio podem, em uma intervenção póstuma, reinterpretar “os traços de gestos ou de palavras deixadas pelo escritor” (MAINGUENEAU, 2010, p. 146).

Quando se problematiza uma imagem de autor que é construída simultaneamente com a vida do autor, não se pode desconsiderar, como a problemática do *ethos* supõe, que, propositalmente ou não, o escritor constrói uma representação de si por meio de seus atos, sejam eles verbais ou não, apontando para o que ele considera, naquele momento, o que é ser um escritor, embasado em representações coletivas e estereótipos que circulam naquele contexto. Por isso,

querendo ou não, o escritor constrói uma apresentação de si através de seus comportamentos verbais ou não verbais, que mostram o que é ser escritor, de acordo com representações coletivas, modelos estereotipados que circulam numa época e num local determinados. Mas o autor produz inevitavelmente esses sinais ao levar em conta a imagem de sua pessoa e de sua obra elaborada por terceiros mediante seu discurso (MAINGUENEAU, 2010, p. 147).

Esses sinais contribuem para dar forma à imagem de autor que pode operar em duas zonas: uma em torno do texto e outra em torno do ator. A zona do ator atua em duas dimensões, implicando para ele um duplo trabalho: o de regulação e o de figuração (MAINGUENEAU, 2006). A dimensão de figuração é a encenação do criador no espaço literário e relaciona-se ao modo como o “ator se põe em cena como escritor: viaja ou não, vive afastado no campo ou no centro de uma cidade grande, aparece na TV ou se oculta” (MAINGUENEAU, 2010, p. 147) com perspectivas variáveis de figuração, de acordo com o regime de literatura que prevalece ou, ainda, de modo mais específico, em função da forma de posicionamento desse autor no campo em determinado momento histórico. A dimensão de regulação “torna possível reorientar a trajetória do conjunto em que se situa toda obra singular: ser escritor é dar sentido a suas atividades passadas e presentes em função de um futuro projetado” (MAINGUENEAU, 2006, p. 147). Em outras palavras, a figuração seria a construção da identidade criadora e a regulação seria a negociação do autor para inserir sua obra num dado estado no campo discursivo, literário.

No funcionamento das dimensões de regulação e figuração decorre o imbricamento das instâncias da pessoa, do escritor e do inscritor que, portanto, estão vinculadas à zona do ator. A complexidade de se tratar de uma imagem de autor é que essas diversas instâncias apresentadas se misturam, e a forma como o leitor lida com elas não ocorre por meio de um processo linear ou sequencial, de modo que nada se tem de muito estável neste quesito. Além disso, sendo a imagem de autor radicalmente histórica, ela está sempre “na fronteira entre as posições de enunciação que um texto implica e as posições no espaço da produção simbólica de uma sociedade determinada” (MAINGUENEAU, 2010, p. 152). Tanto o funcionamento da autoria como a imagem de autor são instâncias fluidas, porque sujeitas a diversas condições de produção.

Para tornar mais clara a questão da imagem do autor, Maingueneau propõe que se fale em regimes de autoralidade, que culminam em imagens distintas, decorrentes da interação entre três instâncias ou pólos heterogêneos, essa integração entre eles contribui para a construção de uma imagem de autor. O polo da produção em que o criador molda sua trajetória em função de uma imagem de autor que não para de construir o conjunto de sua obra, o polo do texto em que a formatação e a circulação dos textos de autor dependem da imagem de autor que é constantemente legitimada quando está sendo construída e o polo da recepção em que a decisão do leitor de entrar em comunicação com um texto depende da imagem de autor que condiciona as estratégias de interpretação.

A imagem de autor exige uma sutileza de análise com manejo delicado, para que o analista não incorra no erro de tratar os três pólos apresentados como estáveis, há profunda imbricação entre eles. O autor não seria tomado como a fonte da obra, mas como um dos meios pelos quais a obra significa, a construção de sua imagem é igualmente dependente da obra e de seu estatuto na sociedade. Ademais, em um duplo movimento, a construção de sua imagem depende da imagem de autor que emana da obra e do seu estatuto na sociedade. Desse modo, o autor, a obra e sua imagem são elementos que são mobilizados conjuntamente por meio de operações diversas que variam de acordo com determinadas épocas e tipos de discurso.

3 Os prefácios dos Periódicos em homenagem a Mattoso

Em 2004, alguns dos mais importantes periódicos de Linguística do Brasil publicaram textos e/ou números temáticos em homenagem aos 100 anos do nascimento de Joaquim Mattoso Câmara Jr. Dentre eles, selecionamos três que dedicaram um número especial para publicação de textos de colegas, amigos, alunos, ex-alunos, enfim, de discípulos de Mattoso Câmara.

O primeiro deles é a edição especial da Revista Delta intitulada *Homenagem a Mattoso Câmara*, ela é composta² por uma apresentação, um prefácio, oito artigos e um posfácio; para nossa análise, nos detivemos no prefácio *Em Homenagem a Mattoso Câmara (1904-1970)* de autoria de Aryon Dall'Igna Rodrigues.

A Revista Confluência³ também promoveu um de seus números em homenagem a Mattoso Câmara, composto por um editorial – que não tem como tema principal a homenagem –, em seguida há o que denominamos de prefácio de autoria de Carlos Eduardo Falcão Uchôa que apresenta uma imagem de Mattoso acompanhada do seguinte enunciado: *Número em homenagem a Joaquim Mattoso Câmara Jr.* O arquivo seguinte é uma cronologia das obras de Mattoso Câmara acompanhada de algumas imagens de Mattoso e seus contemporâneos, o arquivo seguinte reúne vários depoimentos sobre o autor seguido por outros seis artigos que tem como temática o estudioso e sua contribuição para os estudos linguísticos no Brasil. Contudo, diferente dos outros dois periódicos, a Revista Confluência traz também dez outros artigos com temáticas diversas, o número é em homenagem a Mattoso, porém a temática não é exclusiva. Na terceira e última parte, há textos de Mattoso trazidos pelo professor Evanildo Bechara que, como ele mesmo explica em um arquivo que os antecede, foram inseridos na edição para contribuir com os estudos sobre a obra mattosiana; para encerrar, há uma lista dos colaboradores daquele número.

² O sumário com os títulos dos artigos e o link para acessá-los encontra-se no seguinte endereço eletrônico: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0102-445020040003&lng=en&nrm=iso>. Último acesso 22 maio 16.

³ Maiores detalhes acerca do sumário deste número da revista assim como os títulos dos artigos publicados estão disponíveis no endereço eletrônico: <<http://lp.bibliopolis.info/confluencia/wp/?cat=28>>. Acesso 22 maio 16.

Estudos da Língua(gem)⁴ dedicou a edição de número dois ao estudioso, intitulada *Mattoso Câmara e os Estudos Linguísticos no Brasil*, que traz na capa uma foto de Mattoso. A apresentação que compõem nosso *corpus* analítico é de autoria da professora Maria da Conceição Fonseca-Silva e do professor Sírio Possenti, seguida por nove artigos que discutem as principais ideias de Mattoso Câmara. A resenha feita na apresentação contempla informações sobre os artigos e seus autores que são amigos e/ou alunos de Mattoso e tecem discussões acerca do autor e também de comentários e relatos sobre sua pessoa.

Para dar início a nossa reflexão analítica, acrescentamos que nosso material de análise foi metodologicamente selecionado a partir da categoria de percurso (MAINGUENEAU, 2007) na qual os analistas do discurso podem construir o *corpus* de análise por discursos de diversas ordens extraídos do interdiscurso, sem buscar obrigatoriamente espaços de coerência. Acima, tecemos uma breve descrição dos periódicos que compõem o *corpus* e tem suas características próprias de organização, publicação e editoração; tudo isso, para respondermos nossa questão de pesquisa: Qual é a imagem de autor construída nos prefácios dos periódicos publicados em comemoração ao centenário de nascimento de Mattoso Câmara? Mais especificamente, qual a imagem de autor construída em três periódicos que dedicaram uma de suas edições do ano de 2004 ao professor Joaquim Mattoso Câmara Jr.? Recortamos alguns trechos dos prefácios nos quais podemos identificar algumas regularidades que permitem a identificação de uma cenografia, tudo isso foi observado a partir das três instâncias: *pessoa, escritor, inscriptor* e, por conseguinte, a imagem de autor.

R1: Quero, nestas páginas, lembrar Mattoso Câmara, com um depoimento, sobre a sua figura humana e sobre o professor que ele foi. [...] é testemunhar o convívio com o mestre: atitudes, opiniões e hábitos seus, que guardei na memória, no período em que estive muito próximo dele, entre 1958, então seu aluno [...], e os anos de 1965-1967, ao atuar como seu assistente (UCHOA/CONFL, 2004, p. 3).

R2: O mestre brasileiro era uma figura circunspecta, de postura austera, embora de nenhum modo antipática, mas que, em sala de aula, projetava um sentimento espontâneo de informalidade, com um sorriso muito típico dele (UCHOA/CONFL, 2004, p. 12).

R3: [...] passei a frequentar a sua casa, a me relacionar com a sua família, a conhecer, assim, alguns de seus hábitos. A Linguística era o centro do seu mundo. Ouvia, as vezes, música sinfônica. Mas gostava sobretudo de conversar sobre linguística (UCHOA/CONFL, 2004, p. 17).

R4: [...] manifestava um carinho particular pelos seus ex-alunos. Preocupava-se com alguns deles: se o casamento

⁴ O sumário deste número da revista assim como os títulos do artigos estão disponíveis no link: <<http://www.estudosdalinguagem.org/index.php/estudosdalinguagem/issue/view/2/showToc>>. Último acesso 22 maio 16.

não ia bem, se estava em dificuldades (UCHOA/CONFL, 2004, p. 18).

Nos recortes acima, extraídos do prefácio da Revista Confluência, podemos notar que a pessoa de Mattoso Câmara está evidenciada quando Uchôa (2004) deixa claro no primeiro parágrafo que fará um depoimento em homenagem a figura humana do autor (R1) e também quando afirma que irá relatar as atitudes opiniões e hábitos do estudioso e assim o faz quando descreve sua “postura austera” e seu “sorriso típico” (R2), além do fato de Uchôa narrar que frequentou a casa, conheceu a família e de Mattoso se interessar pela vida pessoal de seus ex-alunos. Importante salientar que tal instância discursiva, a *pessoa*, é trazida em conjunto com o que funciona apenas como pano de fundo, como nos recortes 1, 2 e 3 quando há menção acerca da convivência com o professor e mestre nas aulas e, em especial nos enunciados: “A Linguística era o centro do seu mundo”, “gostava sobretudo de conversar sobre linguística” que demonstram que Mattoso participava de um grupo de professores que pensavam sobre o tema. Dizendo de outro modo, a *pessoa* é a instância que está mais em evidência, mas não podemos deixar de considerar que é o *escritor* e alguns traços do *inscritor* que possibilitam que a *pessoa* na imagem do autor Mattoso Câmara seja, nos trechos R1 a R4, a instância a que é dada mais ênfase.

Em R5, 6 e 7, o enfoque está no *inscritor* haja vista que os comentários estão voltados para questões textuais e de gênero tais como a clareza da teoria: “tentando iniciar a leitura da obra [...] pouco conseguindo avançar em suas páginas [...] o texto era ainda pouco acessível para mim”, “matéria nova e complexa” (R5); todavia, ressaltamos que o *inscritor* vem acompanhado de observações acerca do autor tais como em: “senso didático”, “à medida que as aulas se sucediam [...] a leitura tornava-se mais acessível” (R5). Contudo, cabe salientar que o imbricamento, nesses trechos, do *inscritor* e do *escritor* que elabora muito bem suas proposições que seriam sofisticadas e de alta qualidade, a pessoa não é trazida como flexível e fácil de lidar (R7), mas como alguém muito inteligente e, ao mesmo tempo, de temperamento singular, pois se irritava com perguntas durante a aula que podiam interromper seu raciocínio (R6), então os alunos ficavam intimidados em expor suas dúvidas que eram esclarecidas somente no final de sua exposição.

R5: Já adquirira os Princípios de linguística geral, tentando iniciar a leitura desta obra, mas pouco conseguindo avançar em suas páginas. O texto era, na verdade, ainda pouco acessível pra mim. De modo que fiquei assustado quando Mattoso, na primeira aula, nos comunicou que o programa do curso era o seu livro. Mas logo também ele se mostraria um expositor claro, com raro senso didático, expondo com muito entusiasmo sobre um universo conceitual novo para nós. À medida que as aulas se sucediam [...] a leitura de Princípios tornava-se mais acessível para mim (UCHOA/CONFL, 2004, p. 12).

R6: Não fazíamos perguntas durante a aula de Mattoso.

Havia dificuldade de dissipar alguma dúvida, porque nos achávamos muito crus ante uma matéria nova e complexa e também pelos comentários que ouvíamos acerca do professor: irritava-se com as perguntas, que prejudicariam o fluxo de sua exposição, irrepreensivelmente concatenada. Ficávamos, então, temerosos de pedir-lhe esclarecimento durante a aula. Ao seu final, contudo, mostrava-se receptivo a uma conversa (UCHOA/CONFL, 2004, p. 13-14).

R7: O nosso relacionamento nem sempre foi fácil. Diria, dada a diferença de idade entre nós, que foi um pai autoritário, severo. Assim, não aceitou bem a minha saída de casa, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UCHOA/CONFL, 2004, p. 19).

Como é possível observar, todos os recortes trazidos até o momento foram da Revista Confluência, mostram o que há de singular em relação aos demais periódicos. A seguir, nos detivemos nas regularidades apresentadas nos três prefácios que nos deram pistas sobre a construção de uma cenografia que permite a irrupção de uma imagem de autor.

R8: Como linguista, Mattoso Câmara Jr. Foi um *self made man*⁵. [...] sua formação linguística ou literária era **autodidática** [...] O espectro de interesses linguísticos de Mattoso Câmara Jr. era muito amplo, abrangendo tanto a interpretação sincrônica do Português, como o seu desenvolvimento diacrônico, e estendendo-se também para as línguas indígenas. Os depoimentos e ensaios escritos para este livro por linguistas que foram seus alunos ou que conviveram com ele em outras circunstâncias ou mesmo só o conheceram através de suas publicações, são em parte **testemunhos** e em parte análises de aspectos de sua produção científica que, passados já mais de trinta anos de sua morte, reafirmam a importância que ele teve como **pesquisador**, como **renovador** dos estudos sobre a língua portuguesa e como **disseminador** da ciência da linguagem no Brasil (RODRIGUES/DEL, 2004, p. 1-2, grifos nossos).

R9: Mas mestre Mattoso Câmara, como disse, jamais **esmoreceu**, continuando a trabalhar e a pesquisar com afinco, como se pode constatar, acompanhando, ano a ano, a sua produção acadêmica; e **crecia a projeção**

⁵ *Self-made man* é a expressão usada para chamar as pessoas que conseguem subir na vida com o próprio esforço, ou seja, é o indivíduo que "se fez sozinho", que "fez o próprio caminho". O primeiro *self-made man* da história foi o norte-americano Rockefeller que, de origem humilde, enriqueceu trabalhando duro e a partir do próprio esforço. Disponível em: <<http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/self-made%20man?homografia=0>> e <<http://oficinadeideias54.blogspot.com.br/2011/10/o-que-e-um-self-made-man.html>> Acesso 1 jun 2016.

nacional e internacional de seu nome, sobretudo depois da inclusão obrigatória da Linguística no currículo mínimo de Letras, em fins de 1962. O interesse pelos estudos linguísticos modernos, **iniciados por Saussure**, cresceria, a partir de então, expressivamente entre nós (UCHOA/CONFL, 2004, p. 16, grifos nossos).

R10: Mattoso Câmara torna-se, então, o grande nome da década de 60 [...] no cenário dos estudos sobre a linguagem em nosso país. Ele era nosso linguista. Participa de uma **verdadeira peregrinação** por este país, figura obrigatória em todos os seminários e cursos (UCHOA/CONFL, 2004, p. 16, grifos nossos)

R11: Redigia seus textos **sem fazer rascunho**, com **extrema fluência**, sempre na máquina, com uma cópia, **sem se atormentar com o burilamento da frase** (UCHOA/CONFL, 2004, p. 18, grifos nossos)

R12: A autonomia da Linguística [...] foi conseguida, em boa parte, graças à sua intensa atividade de pesquisador e de professor, **à maneira de uma missão que ele se impunha**, e ao prestígio decorrente que ele ia alcançando. Todos que gostamos de estudar o fenômeno linguístico no Brasil, com intenções e perspectivas diversas, ficamos, por isso mesmo, **tanta a dever a ele** (UCHOA/CONFL, 2004, p. 19, grifos nossos).

R13: A obra de Mattoso Câmara Jr. não pode ser avaliada exclusivamente com base nos estudos que publicou sobre a língua portuguesa e sobre as línguas indígenas [...] tem de ser considerada em função das condições oferecidas pelo meio quem que viveu e trabalho, em relação a sua **interação com esse meio e ao progresso do conhecimento** que aí tenha contribuído para operar, assim como por referência à **alteração que haja causado no próprio meio**, especialmente através do desenvolvimento institucional na sua área de competência a atuação (EPÍGRAFE/RODRIGUES, 2004 apud FONSECA-SILVA, POSSENTI/ ESTUDOSLGM, 2004, grifos nossos).

R14: Depois da leitura desses artigos, inspiramo-nos em Benveniste para afirmar que, assim como Saussure pertence para sempre à história do pensamento europeu, **Mattoso Câmara pertence para sempre ao pensamento brasileiro**, à história da Linguística brasileira. E, como Saussure, cumpriu bem o seu destino de tal forma que **seu destino póstumo se tornou segunda vida presente nas nossas** – ainda que na ausência, na falta e na falha (FONSECA-SILVA; POSSENTI, 2004, p. 8-9, grifos nossos).

Após a leitura atenta, consideramos que o espaço associado mostra a pessoa de Mattoso, mas salta aos olhos o escritor que pesquisa e leciona com dedicação e afincos; contudo, a ênfase é dada a instância do inscridor, pois, nas palavras de Rodrigues (2004) “O espectro de interesses linguísticos de Mattoso Câmara Jr. era muito amplo” ao observar “análises de aspectos de sua produção científica”. Em Uchôa (2004), fica claro o interesse e o posicionamento de Mattoso: “Ele era nosso linguista”; tudo isso associado ao trabalho enunciativo do escritor que se inscrevia como uma pessoa em um determinado campo associado de pesquisa linguística, assim o inscridor em parceria com a pessoa traçam uma trajetória particular que pode ser interpretada como um peregrinação para a construção e a divulgação dos estudos linguísticos.

Seus prefaciadores atuam como gestores das pesquisas de Mattoso Câmara e, por isso, evidenciam a instância da pessoa quando mobilizam e descrevem aspectos particulares da vida do escritor nos prefácios dos periódicos que homenageiam Mattoso, colocam em destaque o autor quando descrevem a produção e a inserção da pessoa nas instituições superiores de pesquisa e, trazem o inscridor como empreendedor de uma nova perspectiva e tomada teórica. Nesse caminho, pensamos que a cenografia construída por meio do imbricamento dessas três instâncias é uma espécie de Storytelling (SALMON, 2007), ou seja, entrelaça o relato da história da vida de Mattoso, com a vida do próprio prefaciador acompanhado do compilamento e desenvolvimento da teoria, assim, a imagem de autor produzida é de um messias da linguística, de alguém que sai de condições muito precárias de vida, estudo e consegue “vencer na vida”, como na expressão do recorte 8 “*self made man*” seguida de autodidática que no excerto pressupõe um ser singular e de extrema inteligência.

Nos recortes de 8 a 13, há expressões que podem ser entendidas como oriundas do campo do discurso religioso, tais como: testemunho, renovador, disseminador (R8), verdadeira peregrinação (R10), missão que ele se impunha (R12), seu destino póstumo se tornou segunda vida presente nas nossas (R14) permite-nos pensar que Mattoso Câmara seria o messias da linguística brasileira já que suas aulas aproximavam-se de uma pregação (na qual não se interrompe e que pode parecer obscura em um primeiro momento), como se ele fosse o que veio trazer a boa nova, os novos tempos para a linguística como é possível observar nas expressões em destaques nos recortes 8 a 14.

Desse modo, além força de todos os trabalhos desenvolvidos por Mattoso, a imagem de autor que emerge nos periódicos de 2004 não é somente de um empreendedor, mas de um profeta dos estudos linguísticos brasileiros, quase que um salvador o que funcionaria, segundo Maingueneau, como uma intervenção póstuma que reinterpreta “os traços de gestos ou de palavras deixadas pelo escritor” (2010, p. 146).

4 Considerações finais

Neste artigo, principiamos alguns ideias acerca da história da linguística no Brasil a partir da leitura discursiva dos prefácios de três periódicos que, em 2004, dedicaram uma de suas edições a comemoração dos cem anos de nascimento do Prof. Joaquim Mattoso Câmara. As reflexões analíticas que

tentamos empreender a partir das três instâncias autorais: a pessoa, o escritor e o inscritor visaram trazer a superfície do discurso a imagem do autor Mattoso Câmara construída não somente por ele mas também por seu alunos, amigos e discípulos a partir de uma determinada cenografia instituída.

Nossa problemática de investigação está pautada em torno da seguinte questão: Qual a imagem do autor Mattoso Câmara foi construída nos prefácios de alguns periódicos do ano de 2004 publicados em comemoração aos cem anos do seu nascimento? Em suma, diríamos que nossa hipótese era encontrar a imagem de um Mattoso Câmara divulgador e desbravador dos estudos linguísticos, contudo pudemos observar um Mattoso que vai um pouco além, pois suas ideias e seu percurso está em contato com uma verdade, uma fonte transcendente que nos é trazida e ele seria o pastor, o nosso representante a quem devemos muito por nunca ter esmorecido. Os três polos heterogêneos ou instâncias em interação contribuem para a construção da imagem do autor Mattoso Câmara Jr. (MAINGUENEAU, 2010) porque o autor não foi tomado como fonte de suas obras, mas como um dos meios pelos quais seu trabalho significa, a construção de sua imagem se mostrou dependente tanto obra quanto do seu estatuto na sociedade.

REFERÊNCIAS

- CÂMARA JR, J. M. **Princípios de lingüística geral** (como fundamento para os estudos superiores da língua portuguesa), Rio de Janeiro: F. Brigueit, 1989. Edição original: 1941.
- FONSECA-SILVA, M.C.; POSSENTI, S. Apresentação (Título do volume: Mattoso Câmara e os Estudos Linguísticos no Brasil). **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, v.1, n.2, 2005. Disponível em: <<http://www.estudosdalinguagem.org/index.php/estudosdalinguagem/article/view/20/39>>. Acesso em 5 de novembro de 2015.
- MAINGUENEAU, D. **Discurso literário**. Trad. Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.
- MAINGUENEAU, D. **Cenas da Enunciação**. Org. Trad. Sírio Possenti e Maria Cecília Souza-e-Silva. São Paulo: Parábola, 2007.
- MAINGUENEAU, D. **Doze conceitos em análise do discurso**. São Paulo: Parábola, 2010.
- RODRIGUES, A. D. *Em Homenagem a Mattoso Câmara (1904-1970)* (Prefácio). **Revista Delta**, Vol. 20, Número Especial, São Paulo, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v20nspe/24257.pdf>> Acesso 5 nov 15.
- UCHÔA, C. E. F. *Mattoso Câmara: a figura humana e o professor* (Prefácio). In: **Revista Confluência**. No. 27-28. Rio de Janeiro: 2004. Disponível em: <<http://llp.bibliopolis.info/confluencia/pdf/1057.pdf>>. Acesso 5 nov 15.
- SALMON, C. **Storytelling**: La machine à fabriquer des histoires et à formater les esprits, Paris: Éditions de La Découverte, 2007.
- SILVEIRA, S. *Prefácio*. In: CÂMARA JÚNIOR, J. M. **Princípios de lingüística geral**, Rio de Janeiro, RJ: F. Brigueit, [1941] 1989.

Recebido em março de 2017.

Aprovado em agosto de 2017.

Publicado em dezembro de 2017.

SOBRE OS AUTORES

Roberto Leiser Baronas é doutor em Linguística e professor na Universidade Federal de São Carlos – UFSCar – e no Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL. É bolsista de produtividade no CNPq e coordenador do Laboratório de Estudos Epistemológicos e de Discursividades Multimodais – LEEDIM/CNPq/UFSCar e do Instituto Mattoso Câmara de Estudos da Linguagem – IMC.

E-mail: baronas@uol.com

Lígia Mara Boin Menossi de Araujo Doutora em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. Atualmente, é membro-participante do Laboratório de Estudos Epistemológicos e de Discursividades Multimodais – LEEDIM/CNPq/UFSCar e do Instituto Mattoso Câmara de Estudos da Linguagem – IMC, é pós-doutoranda na mesma instituição onde desenvolve pesquisas no âmbito da Análise do Discurso de linha francesa e Web 2.0 sob a supervisão do Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas.

E-mail: ligiamenossi@gmail.com

Nayla Vieira Semensato é graduanda em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, aluna de iniciação científica sob a orientação do Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas e bolsista PIBIC-CNPq, participa do Laboratório de Estudos Epistemológicos e de Discursividades Multimodais – LEEDIM/CNPq/UFSCar e do Instituto Mattoso Câmara de Estudos da Linguagem – IMC.

E-mail: naylasemensato@hotmail.com